



## UM OLHAR SOBRE A PAISAGEM DOS CENTROS HISTÓRICOS E SUA MEMÓRIA NOS MUNICÍPIOS DE BAURU E JAÚ - UM ESTUDO COMPARATIVO

Antônio Fernandes Nascimento Júnior\*

Claudine Fernandes Gottardo\*\*

### RESUMO

A paisagem urbana se movimenta no tempo através de elementos constituídos do próprio fato. Sua memória encontra-se à mercê da razão e da irracionalidade, do visível e do invisível, do concreto e do abstrato. No presente trabalho, procura-se estudar alguns aspectos da paisagem histórica das cidades de Jaú e Bauru e, dentro de uma análise comparativa, entender como se dá a convivência entre suas atuais necessidades, a preservação da memória coletiva e a integração das construções históricas e contemporâneas.

O objeto da pesquisa foi estudado através de viagens e visitas, onde foram feitas observações participativas e assimétricas, fotografados ambientes, construções, situações significativas, e ainda observados moradores e usuários.

Apesar das duas cidades localizarem-se na mesma região, centro do Estado de São Paulo, e contexto histórico semelhante, tendo sido ambas fundadas na segunda metade do século XIX e tido seu desenvolvimento em função da expansão rural do estado, são suas particularidades que caracterizaram uma situação distinta em nível de condição social e de desenvolvimento, proporcionando-lhes realidades diferentes enquanto paisagem histórica e memória urbana, implícitas no inconsciente coletivo de cada uma delas.

Jaú mantém sua memória às custas de um acordo histórico social, como uma espécie de superego coletivo, contando com um belo acervo arquitetônico oriundo da ascensão cafeeira que a caracteriza.

Bauru, já com um outro perfil, conferido pela implantação da ferrovia e outras condicionantes históricas, esbarra sua memória na descaracterização, gerada por uma certa irracionalidade coletiva, apesar de guardar ainda alguns exemplares isolados da história da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE** : Paisagem Urbana; Paisagem Histórica; Memória Urbana; Arquitetura Histórica de Bauru; Arquitetura Histórica de Jaú.

---

\*Docente do Departamento de Ciências Humanas; FAAC - UNESP - Bauru, São Paulo.

\*\*Estudante da área de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos; FAAC - UNESP - Bauru, São Paulo.



## ABSTRACT

The urban landscape moves in time through the elements constituted by the fact itself. Its memory is linked to reasoning and irrationality, to visible and invisible, to concrete and abstract. The present work seeks to study aspects of the historical landscape of the cities of Jaú and Bauru, and, based on a comparative analysis, tries to understand how the relations among its needs, the preservation of its collective memory, and the integration of its historical and contemporary constructions occur. The research object was studied in trips and visits by means of participative and asymmetric observations in which environments, constructions and meaningful situations were photographed, and inhabitants and users were observed. Despite both cities being localized in the same region, the central part of the State of São Paulo, and having similar historical contexts, having both been founded in the second half of the past century, having had their development based on the rural expansion of that State, it is their particularities that characterize a distinct situation concerning social and developmental conditions, providing them with different realities regarding historical landscape and urban memory, implicit in their collective unconsciousness. Jáu keeps its memory at the expenses of a historical social agreement, as a kind of collective super ego, having nice architectural assets, originated by the coffee ascension period which characterizes the city. Bauru, having a different profile rendered by the implantation of the railway and other historical conditionings, faces some mischaracterization generated by certain collective irrationality, although still keeping some isolated examples of the city history.

KEY-WORDS : Urban Landscape; Historical Landscape; Urban Memory; Historical Architecture of Bauru; Historical Architecture of Jaú.

## INTRODUÇÃO

A cidade é a expressão mais humana de todas as criações humanas, pois congrega razão e irracionalidade, irmanadas, emaranhadas, enoveladas nessa imensa síntese que é o ser humano. Os claros e escuros da cidade fazem lembrar o duelo inacabado entre a luz e a sombra na Flauta Mágica de Mozart ou na Nona Sinfonia de Bethoven. Ali na cidade cabe o Viajante Fantasma, de Wagner, amargurado, amaldiçoado pelas sombras e obrigado a cavalgar as tempestades. Também, na cidade está a frívola filha de Afrodite, Carmen, onde Bizet emoldurou o desejo, a vaidade e a inveja. Num canto escuro da cidade, Gershwin compôs sua rapsódia apaixonada. Os seus muros vazios refletem os demônios de Oscar Wilde à maneira de Dorian Grey. Suas muralhas foram construídas e destruídas pelos deuses de Homero. A dança macabra do Anjo Azul ferve em seus lados.

Platão sonhou na cidade o lugar perfeito e o fez em sua República. Assim, também Moore, na Utopia. Maquiavel lembrou sua crueldade, e Rousseau a sua corrupção. A cidade é o palco das lutas em Victor Hugo, em Marx. Ali vivem e se enfrentam os contrários, operários e patrões, dominados e dominantes, servos e homens livres.



Os artistas a revelam, nas dançarinas de Lautrec, nos horrores de Goya. Os eruditos a conhecem. A dimensão oculta de HALL(1981) revela seu lado psicológico, e a psicologia urbana, a psicologia ambiental, a percepção. Os rituais urbanos de HANNERZ (1986). Os papéis sociais e as representações de DURKEIM e MOSCOVICI (1988). Tudo isso dá à cidade sua arte, sua ciência, sua alma.

As punções primitivas de Freud, (no dizer de FINE, 1981), filhas bastardas da relação incestuosa, das paixões da alma de Descartes, do arcabóricio kantiano, do espírito e do evolucionismo darwiniano, brotam na cidade como um grande id urbano, formando a natureza social como a segunda natureza de HELLER (1983). O superego da cidade se faz à maneira de Durkheim e sua censura social, transpassada pelo movimento dialético das lutas marxistas e a metamorfose Kafkaniana. O ego urbano nasce da razão Socrática, do Organum lógico de Aristóteles, abalroada pelo grito desesperado de Sartre. E assim vive o homem urbano, sob a égide de "convívio ergo sum", de HILLMAN (1993, p.121).

Os poetas sonham a cidade, os profetas a anunciam, os homens da ciência e da filosofia a racionalizam e todos nela vivem, acotovelando-se perplexos e encantados com esta única expressão ocidental da continuidade entre o mundo visível e o invisível. "Os demonstrativos urbanos dizem do visível, suas invisíveis identidades" (CERTEAUR, 1994, p.189).

## O ARQUITETO

É justamente na interface entre estes dois mundos de linguagens diferentes que, ao se digladiarem, se completam à maneira de Hegel, que age o arquiteto. Artesão do espaço, ele o manuseia como o pintor retoca as cores de seu painel e o físico mede os quanta em seu computador. Como urbanista, ele trabalha com os diálogos visíveis e invisíveis dos múltiplos espaços da cidade. Porém, tanto quanto o espaço, ele é um artista do tempo. Ao lidar com o espaço construído, o arquiteto nele aprisiona o tempo e apresenta viva a construção mais humana do mundo invisível - o passado e, conseqüentemente, a história.

O arquiteto é, assim, um artesão da história, pois aprisiona no espaço cada tempo, cada período, cada época (no dizer de SCHLEGEL e SCHELEGEL, 1989) como o poderoso Merlin foi aprisionado pela frágil Viviana, no Graal. Não é o único desses artesãos, mas se encontra entre os primeiros. Seus lugares construídos, embora pareçam fixos, parados num tempo, como testemunhas da história, ultrapassam este estado inerte e se apresentam vivos como o espírito daqueles que os criaram, aprisionando o mundo visível e invisível daquele tempo para ser imediatamente libertado no momento seguinte.

Ao manejar o espaço, o arquiteto maneja a consciência e a inconsciência urbana no tempo.

A convenção denominou patrimônio histórico o espaço trabalhado pelo arquiteto num determinado tempo (nos dizeres de MAGALDI, 1992), e os elementos os quais caracterizam o modo de construir e a própria representação da construção de memória histórica (nas Lembranças de Velhos de BOSI, 1994). Sobre ambos os aspectos versa este trabalho.



## **SOBRE O OBJETO E OS OBJETIVOS**

Cada construção não representa apenas a história de sua época, estilo e idéia; apresenta também um modo de conceber a vida urbana. Aristóteles, em sua política, já mencionou que o homem é um animal da polis e assim cada construção reflete a sua cidade, seu modo de apreender, interpretar e lidar com o espaço. E mais, cada construção apresenta um modo de vida, hábitos cotidianos e valores de época.

Com tal referência em mente, procurou-se estudar alguns aspectos da paisagem histórica e de sua memória nas cidades de Jaú e Bauru, ambas construídas e desenvolvidas em função da expansão rural do oeste do Estado de São Paulo em meados do século XIX (conforme MONBEIG, 1994). Cada uma, no entanto, com características próprias de ocupação e representação dos espaços construídos. Bauru é uma cidade de cem anos e aproximadamente duzentos e cinquenta mil habitantes, tendo tido profunda influência da ferrovia. Seu centro histórico, segundo BASTOS (1994), está localizado principalmente em torno do Centro ferroviário. Jaú, por sua vez, é uma cidade aristocrática, com aproximadamente cento e vinte mil habitantes, cujas construções, mais esparsamente distribuídas, revelam a riqueza e a ostentividade dos barões do café. Tem cento e quarenta e três anos e se mantém com certa altivez e um pálido orgulho.

Procurou-se entender como as construções históricas e sua memória convivem com as construções contemporâneas e suas necessidades na paisagem de ambas as cidades, que não se distanciam uma da outra mais de cinquenta quilômetros.

## **UM POUCO DA MANEIRA DE SE FAZER**

A parte metodológica do trabalho constitui em se deslocar pelas cidades, procurando seu centro histórico, e observar seus moradores, seus usuários, seus transeuntes, fotografando os ambientes e as construções historicamente significativas. As observações eram do tipo participativas e assistemáticas em função das características do objeto de estudo em questão. O deslocamento se fez levando-se em conta a técnica de Burgess (1970).

## **O ENCONTRO**

No deslocamento pela cidade de Bauru, foram encontradas algumas construções significativas, já tendo inclusive sido discutidas por outros autores a partir de outros objetivos (tais como GHIRARDELLO, 1992 e LANDIM Y GOYA, 1994). Há significativas edificações na Avenida Rodrigues Alves, na Rua 1º de Agosto e no calçadão da rua Batista de Carvalho, além de outros exemplares isolados. Pode-se observar uma grande descaracterização tanto em edifícios quanto em algumas praças, como é o caso da Praça Rui Barbosa, onde foram feitas reformas e demolições sem que se tivessem levado em conta aspectos da memória histórica do município. Algumas

poucas construções ainda podem ali ser encontradas, como o prédio do Automóvel Clube, no entanto, sem qualquer eco no diálogo com o vocabulário moderno do restante da praça. Um calçadão iluminado e povoado de lojas faz sua ligação, após alguns quarteirões, com uma outra praça, a Machado de Mello; em frente à Estação Ferroviária, foi uma das mais antigas da cidade. Ao contrário da primeira, esta praça é pouco iluminada, povoada de mendigos, prostitutas e outros personagens da noite. Seus hotéis de belas e históricas fachadas estão conservados; abrigam principalmente viajantes da estação ferroviária ou rodoviária.

Observando tal cenário, percebe-se que os edifícios em seu entorno apresentam uma identidade muito mais consistente e articulada entre si do que a praça Rui Barbosa, inclusive com uma grande construção, que é a Estação Ferroviária. A praça foi ocupada por camelôs, que procuraram dar a ela um valor utilitário (rechaçado pelo poder municipal). No entender desses autores, a presença desses personagens e outros tantos revela que, embora algumas edificações ainda resistam nesses locais e em suas imediações, a memória que recupera o passado, repondo-o no presente, não é absolutamente lembrada. O drama urbano, cujo enredo é vivido pelos miseráveis, não permite uma memória estética do espaço, seja ele construído ou preservado, à maneira da Paris de Victor Hugo ou da São Petersburgo de Dostoiévski em séculos passados.

Outrossim, a classe não miserável da cidade também não cultiva a memória cultural de um centro urbano. Letreiros e cartazes, iluminados ou não, cobrem as fachadas dos edifícios históricos de valor arquitetônico e estético relevante. Há casos, inclusive, da destruição de ornamentos nas fachadas para facilitar o manejo dos mesmos com intuítos comerciais. A preocupação dos comerciantes está nas mensagens simplificadas, com cores atrativas, para o anúncio de produtos comerciais. A necessidade do lucro rápido, estimulado pela ideologia do consumismo numa região de capitalismo tardio e inclinação essencialmente individualista, torna irrelevante qualquer manifestação de interesse coletivo, como a memória histórica, cuja importância reside na recuperação temporal de uma estética do espaço.

Assim, a paisagem urbana não releva qualquer monumento ou memória histórica; ao contrário, toma as pedras que constituíram o estilo e esvazia seus sonhos, tornando-a estéril de fantasias. A razão coletiva dá lugar a um sonho irracional de sobrevivência, poder e lucro "legitimado pelas ciências da celebração do mercado e da revolução liberal" (no dizer de TOPOLOV, 1991). É a Esmaga urbana devorando o seu Édipo.

A cidade de Jaú é menor e, historicamente, menos comercial. As construções de relevante significado arquitetônico também estão, em parte, localizadas na região central e, à semelhança de Bauru, grande parte delas foi transformada em hotéis, pensões, bares e casas comerciais. Muitas também se encontram com as fachadas ocultas ou pintadas com mensagens simplificadas de propaganda comercial. Outras casas familiares mantêm-se cuidadas, inclusive com mobiliários da época, ostentando a opulência do passado, conforme já observado por GHIRARDELLO (1991).

Jaú não apresenta os mesmos personagens noturnos que Bauru, ou, pelo menos, não com tanta frequência. A população é mais atenta à importância dos edifícios, embora a classe média de comerciantes, à semelhança de sua irmã ferroviária, também desconsidera a importância da estética do espaço no tempo, tornando caricatas as



fachadas de seus edifícios. Outrossim, há muito mais construções históricas em Jaú do que em Bauru. Muito mais bem cuidadas e reconhecidas na memória coletiva. A miséria neste município é menor e a presença da história vivida há pouco mantém acesa a memória das famílias que ocuparam este cenário do início do século.

É interessante observar que as tradições rurais e rurais-urbanas, importante obstáculo à modernização das cidades, aparentemente foram um fator relevante na preservação histórica e no cultivo à memória do lugar. Assim, a paisagem em Jaú mistura elementos do passado e do presente sem, no entanto, apresentar uma síntese. A ausência de uma urbanização acelerada em função da falta de grandes indústrias, de um setor financeiro forte e de bens de serviço, colocaram na cidade uma paisagem mista. Não por uma preocupação cultural como é nas cidades européias com estéticas urbanas parecidas, mas por imposição de uma situação econômica peculiar, possivelmente com uma experiência vivencial diferente no que diz respeito à idéia do tempo (como diz SEVENDKO (1991) em sua pesquisa sobre São Paulo e o Rio de Janeiro).

Nesse caso, a Esfinge urbana não engole seu Édipo, mas, este também não a resolve. É provável que, em lugar do Édipo libertador, aquilo que mantém a ordem ali é a histórica submissão do homem do campo e sua obediência estóica e inusitada fidelidade à terra e ao dono da terra, ou seja, uma espécie de Superego urbano, mesmo que o dono não seja mais dono e a terra não seja mais a mesma terra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem urbana, longe de ser somente um pano de fundo dos fatos; é um elemento constituído do próprio fato. As imagens que a constituem não estão imóveis, mas se movimentam numa dança do visível e do invisível, da razão e da irracionalidade, do concreto e do abstrato, do todo e das partes.

A paisagem histórica de Bauru e sua memória beiram a irracionalidade; são apenas esqueletos da mente urbana, as bases de um ID de miseráveis e gananciosos. A paisagem histórica de Jaú e suas lembranças não são mantidas intactas, mas sobrevivem à custa de autoridades inconscientes, possivelmente oriundas do meio rural. São as expressões de um poderoso acordo histórico entre lavradores e fazendeiros, como uma espécie de superego coletivo.

Em ambos os casos, o patrimônio histórico e sua memória precisam interagir harmoniosamente com paisagem urbana através da razão e da poesia, ou se tornarão insustentáveis e serão todos devorados pela Esfinge.

Ao se encerrarem as reflexões, não se poderia deixar de citar as palavras de REIS FILHO (1991): "Quase todas as atividades coletivas nos grandes centros urbanos exigem projeto. No entanto, não há projeto sem história. Se a memória está equivocada, a consciência está equivocada - o projeto vai estar equivocado."



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ARISTÓTELES. **A política**. Coleção Universidade. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1987.
- ARISTÓTELES. **O organum** (5 Volumes). Lisboa: Guimarães Editora Ltda, 1987.
- BASTOS, I. A. **A ocupação natural, jurisdicional e religiosa do sertão de Bahuru**. 1994. 103f. Dissertação (mestrado). UNESP, Bauru.
- BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.
- BURGESS, E. W. **O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa em estudante de Ecologia Humana** (Editado por D. Lierson). São Paulo: Livraria Martins Editora S.A. p. 353-368, 1970.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1994.
- DARWIN, C. **A origem das espécies**. Coleção Universidade. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1987.
- DESCARTES, B. **As paixões da alma (1649)**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.
- DOSTOIEVSK, F. **Crime e castigo**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980.
- DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico (1895)**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.
- FINE, B. **A história da Psicanálise**. São Paulo: Editora da USP, 1981.
- GHIRARADELLO, N. **Edição especial sobre o patrimônio histórico da cidade de Jaú**. Jornal Comércio de Jaú. 46p., 1991.
- GHIRARADELLO, N. **Aspectos do direcionamento urbano da cidade de Bauru**. 1992. 181f. Dissertação (Mestrado) - USP, São Carlos.
- HALL, E. **A Dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.
- HANNERZ, V. **Exploración de la ciudad: hacia una Antropologia Urbana**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- HELLER, A. **Sobre os instintos**. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- HILLMAN, J. **Cidade & alma**. São Paulo: Stúdio Nobel Ltda., 1993.
- HOMERO. **A ilíada** (em forma de narrativa). Rio de Janeiro: Ediouro, S/D.
- KAFKA, F. **Metamorfose**. Santiago: Sociedade Comercial y Editorial Santiago Ltda., 1988.
- KANT, E. **Crítica da razão pura (1787)**. Edições Ouro, s/d.
- LANDIM Y GOYA, P. da S. **Percepção e conservação do patrimônio ambiental urbano: a cidade de Bauru**. 1994. 142f. Dissertação (mestrado). UNESP, Rio Claro.



MAGALDI, C. **O público e o privado: propriedade e interesse cultural - direito à memória - patrimônio histórico e cidadania.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe (1513).** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

MARX, K. **O Capital (Livro 1).** Coleção Universidade. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., s/d.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec-Polis, 1984.

MORUS, T. **A utopia (1516).** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MOSCOVICI, A. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, n.18, p. 211-250, 1988.

PLATÃO. **A república.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

REIS FILHO, N. G. Sobre a história da urbanização - história urbana. **Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos.** Ano XI, n.34, p. 15-18, 1991.

ROUSSEAU, J. J. **O Contrato social.** Publicações Europa - América, 1981.

SARTRE, S. P. **O existencialismo é um humanismo (1946).** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

SCHLEGEL, F; SCHLEGEL, D. **A história do Mago Merlin.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

SEVCENKO, N. Fragmentação, simultaneidade, sincronização: o tempo, o espaço e a megalópole moderna. **Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos.** Ano XI, n.34, p. 18-22, 1991.

TOPOLOV C. Os saberes sobre a cidade; tempos da crise? **Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos.** Ano XI, n.34, p. 28-38, 1991.

VICTOR HUGO. **Nossa Senhora de Paris.** Porto: Lello & Irmão - Editores, 1967.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Grey.** São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980.

